NEARCO: Revista Eletrônica de Antiguidade
2019, Volume XI, Número II – ISSN 1982-8713
Núcleo de Estudos da Antiguidade -NEA
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ISSN 1982-8713

"A POLÍTICA" DE ARISTÓTELES E O PLANO URBANÍSTICO DE HERODES: UMA ANÁLISE DESCRITIVA E COMPARATIVA DA URBANIZAÇÃO DE CESAREIA MARÍTIMA

THE ARISTOTLES´S POLITICS AND THE HEROD'S URBANISTIC PLAN: A DESCRIPTIVE AND COMPARATIVE ANALYSIS OF THE CESAREA URBANIZATION

Junio Cesar Rodrigues Lima[1]

[1] *Doutorando pelo programa de pós-graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UERJ). Professor do curso de especializaçãoe m História Antiga e Medieval da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CEHAM/UERJ)*

Correspondência para: Junio Cesar Rodrigues Lima (revjuniocesar@gmail.com)
Recebido em: julho de 2019; Aceito em: novembro de 2019

RESUMO

As incursões ou sucessivas dominações estrangeiras acentuaram a interação cultural na Judeia e, apesar de contribuírem para rivalidades políticas, lutas sociais, estranhamentos culturais e disputas religiosas na região, também colaboraram para o estabelecimento de relações socioculturais recíprocas entre os judeanos e as comunidades que ali circulavam, transformando a região em um local no qual predominava a diversidade étnica, política e sociocultural. Essa conjuntura multicultural promoveu a reorganização do espaço e a delimitação de novas regiões culturais. Este artigo parte do pressuposto de que há uma relação, ainda que indireta, entre "A Política" de Aristóteles, a helenização da Judeia, a urbanização de Cesareia as concepções aristotélicas sobre os elementos que compõem uma cidade.
Palavras-chave: Urbanização; Relações Políticas; Relações Socioculturais.

ABSTRACT

The incursions or successive foreign domination accentuated the cultural interaction in Judea and although contributing to the political rivalries, social struggles, cultural strangeness and religious disputes in the region, also contributed to the establishment of reciprocal socio-cultural relations between the Jews and the communities that circulated there, transforming the region into a place where ethnic, political and socio-cultural diversity predominated. This multicultural conjuncture promoted the reorganization of space and the delimitation of new cultural regions. This essay

ISSN 1982-8713

assumes that there is a relationship, even if indirect, between Aristotle's "Politics", the Hellenization of Judea, the Caesarea urbanization, and the Aristotelian conceptions of the elements that make up a city.
Key-words: Urbanization; Political Relations; Socio-cultural Relations.

Fundada e urbanizada por Herodes Magno no século I a.C., a cidade de Cesareia Marítima tornou-se uma das maiores cidades do Oriente romano. Cesareia assumiu o lugar de Jerusalém como capital da *Syria et Palaestina* e sede do governo romano na região, ampliou as suas relações comerciais e historicamente tornou-se um centro oriental importante para as principais religiões monoteístas do mundo: o cristianismo, judaísmo e o islamismo[104].

Segundo o relato do historiador judeu Flávio Josefo (século I d.C.), a cidade foi construída no mesmo local em que havia a pequena torre de Estratão que, por sua vez, foi erguida durante o período de dominação persa na região, quando a costa da Palestina era governada pelos reis fenícios de Tiro e Sidom.

Segundo Josefo,

> Quando fazia a visita às cidades marítimas, viu que a torre de Estratão estava em ruínas, tão antiga ela era; mas sua posição a tornava capaz de receber todo o embelezamento que sua magnificência lhe quisera dar; por isso, não somente a mandou restaurar com pedras muitos brancas, mas ali construiu um soberbo palácio, mostrando naquela obra mais que em qualquer outra, o quanto sua alma era grande e elevada[105].

A torre supracitada fazia parte do território que Herodes recebeu de Otaviano após a Batalha do Áccio em 31 a. C., quando ele foi confirmado como rei dos *judeanos*

[104] Diferentemente dos fatos veiculados na mídia supermoderna sobre os constantes enfrentamentos socioculturais e políticos entre israelenses, palestinos e muçulmanos na *Syria et Palaestina*, os indivíduos domiciliados na cidade de Cesareia, apesar da diversidade sociocultural, religiosa e política que caracterizava a cidade desde sua fundação, respeitaram a demarcação das *áreas culturais* feitas por Herodes em seu *plano urbanístico*, sem prejuízo para a preservação de sua identidade ou importação/exportação de novos elementos socioculturais.

[105] JOSEFO, GUERRA DOS JUDEUS, Livro I/XVI/85.

ISSN 1982-8713

e ampliou a extensão do seu reino. Assim, com a urbanização da cidade, Herodes Magno consolidou as *relações de clientelismo e patronato* estabelecidas entre ele o *princeps* romano, bem como, entre a Judeia e Roma.

Mapa 1 – Localização geográfica da cidade de Cesareia Marítima

ISSN 1982-8713

O Livro I da obra "Guerra dos Judeus" e os Livros XIV – XIX de "Antiguidades Judaicas" apresentam relatos retrospectivos sobre a fundação, inauguração e desenvolvimentos sociocultural, econômico e urbanístico da cidade de Cesareia Marítima. Esses relatos fazem parte da narrativa que Flávio Josefo construiu sobre a vida e trajetória política do rei Herodes[106]. Neles, Josefo descreveu os contatos culturais e enfrentamentos ocorridos em Cesareia, enumerou os monumentos e edifícios erigidos por Herodes Magno e criticou as relações políticas estabelecidas entre o rei dos *judeanos* e o *princeps* romano *Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus*. Segundo o historiador judeu,

> Herodes mandou construir o porto de Cesareia em forma de crescente, capaz de conter um grande número de navios. E, como o mar mede ali vinte braças de profundidade, mandou lançar pedras de tamanho enorme, a maior das quais tinha cinquenta pés de comprimento, dezoito de largura e nove de altura. E havia ainda maiores. Do lado direito, estavam duas colunas de pedra, tão grandes que superavam a altura da torre. Via-se ao redor do porto uma fileira de casas cujas pedras eram muito bem talhadas, e construiu-se sobre uma colina que está meio o Templo consagrado a Augusto. Os que navegam podem vê-lo de bem longe, e há duas estátuas, uma de Roma e outra desse príncipe, em honra do qual Herodes deu o nome de Cesareia a essa cidade, não menos admirável pela riqueza de suas construções que pela magnificência de seus ornamentos[107].

Há indícios de que o modelo urbanístico utilizado por Herodes dialogou com o plano de Hipódamo de Mileto[108] (século V a. C.) e Marcos Vitrúvio Polião[109] (século I a. C.). Herodes Magno mesclou os dois modelos e inovou em seu *plano urbanístico*.

---

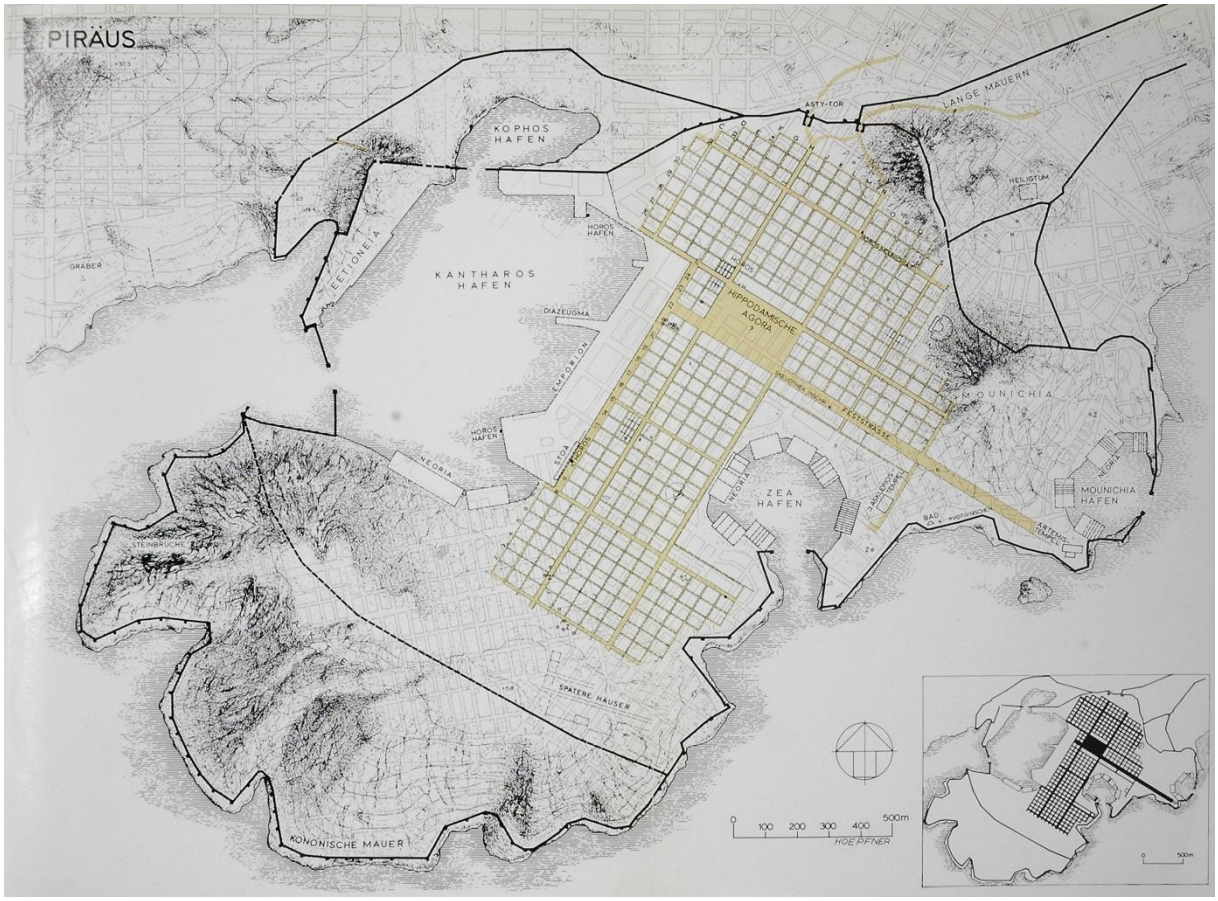
[106] Considerando o fato de Flávio Josefo (nosso *sujeito locutor*) ser descendente direto da dinastia asmoneia, Herodes também se tratava do principal representante da dinastia que sucedeu a família dele no governo central da Judeia, a partir de alianças políticas estabelecidas com os romanos após a ocupação da região. Assim, questionamo-nos até que ponto a imagem de Herodes Magno que emerge do discurso polêmico de Flávio Josefo está atrelada as rivalidades políticas, relações de poder e discrepâncias socioculturais entre a família de Josefo e a casa de Herodes. No entanto, essa problemática será respondida noutra oportunidade.

[107] JOSEFO, ANTIGUIDADES JUDAICAS, Livro XV/XIII/669.

[108] Arquiteto grego do período clássico responsável pelo plano de construção do Porto do Pireu, Atenas.

NEARCO: Revista Eletrônica de Antiguidade
2019, Volume XI, Número II – ISSN 1982-8713
Núcleo de Estudos da Antiguidade -NEA
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ISSN 1982-8713



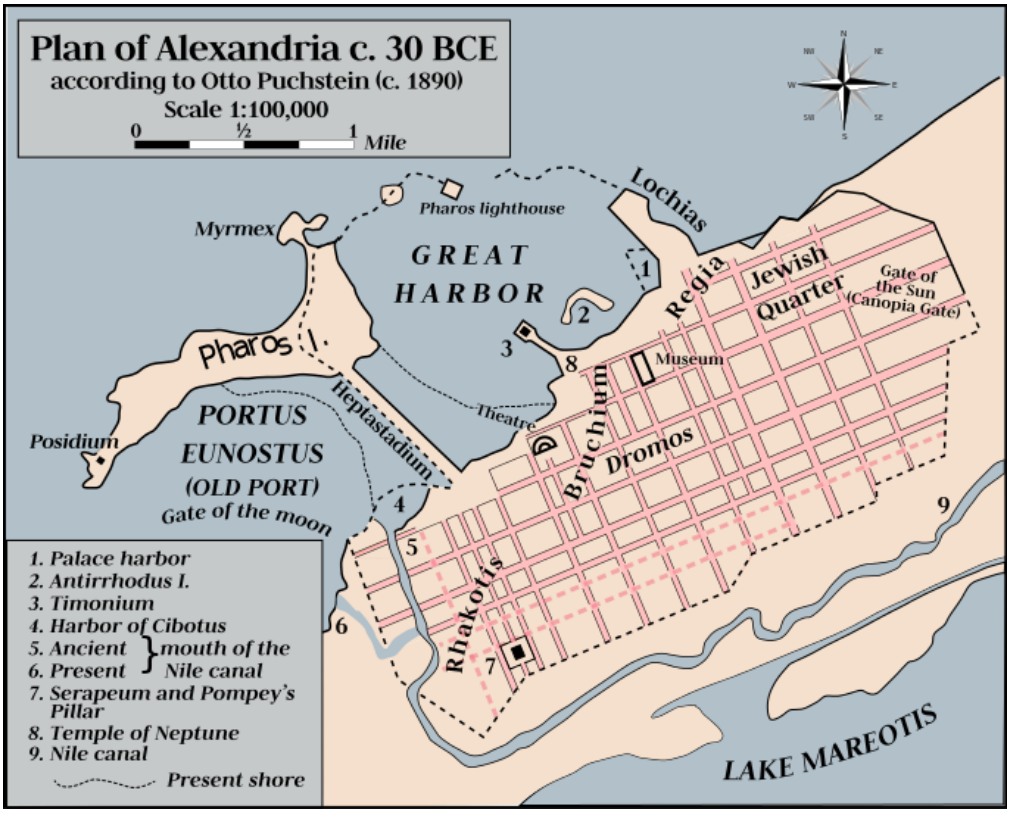
Mapa 2 – Plano urbanístico (hipodamiano) do porto de Pireu

Se tomássemos como referência Alexandria - a cidade que foi fundada por Alexandre Magno no Egito e se tornou o modelo de *poleis* helenística para todas as sociedades mediterrâneas, veríamos que um terço da área da cidade estava ocupado com construções reais: o palácio, a biblioteca, o museu, o jardim zoológico e tumba de Alexandre Magno; além da existência de grandes avenidas, praças, fontes para abastecimento da cidade e templos, configurando um traçado urbanístico similar ao que Herodes utilizou em Cesareia (KOESTER, 2012, P. 75-80).

[109] Arquiteto romano contemporâneo a Otaviano e Herodes que deixou como legado a obra *"De Architectura"* que, por sua vez, é o único tratado europeu do período greco-romano que chegou aos nossos dias e serviu como referência para diversos textos sobre arquitetura e urbanismo, hidráulica, engenharia, desde o Renascimento.

NEARCO: Revista Eletrônica de Antiguidade
2019, Volume XI, Número II – ISSN 1982-8713
Núcleo de Estudos da Antiguidade -NEA
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ISSN 1982-8713

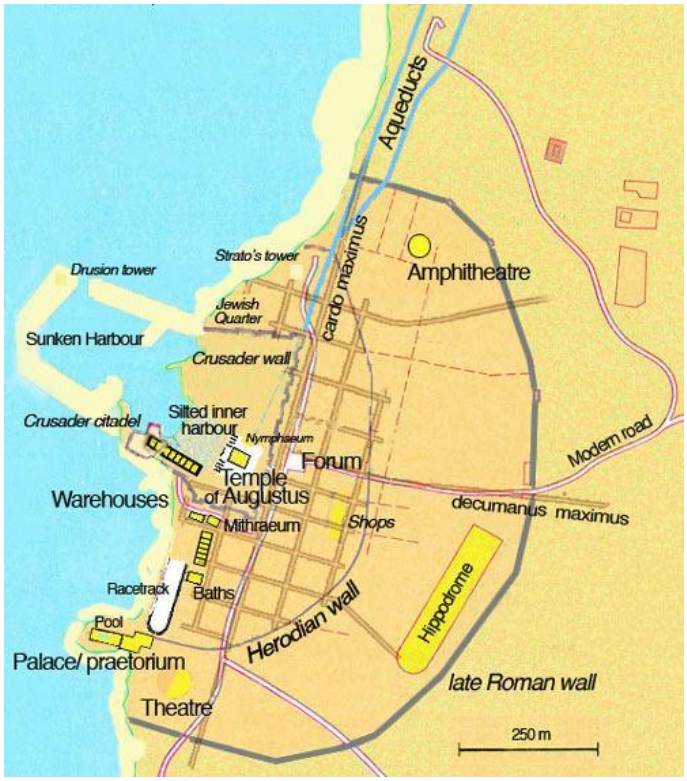


Mapa 3 – Plano urbanístico (hipodamiano) do porto de Alexandria, 30 a. C.

Figura 1 – Representação do plano urbanístico (vitruviano) do porto de Óstia

NEARCO: Revista Eletrônica de Antiguidade
2019, Volume XI, Número II – ISSN 1982-8713
Núcleo de Estudos da Antiguidade -NEA
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ISSN 1982-8713



Mapa 4 – Plano urbanístico do porto de Cesareia Marítima.

A hipótese de que Herodes fez uso do *plano hipodamiano* nos remete diretamente ao discurso de Aristóteles[110] em sua obra "A Política" sobre a estrutura organizacional da República de Hipódamo de Mileto. O filósofo grego afirma que ele foi o criador da divisão dos Estados por classes de cidadãos e quem traçou o *plano urbanístico* do Pireu. Além disso, Aristóteles aponta que Hipódamo foi o primeiro entre as pessoas de condição privada que, sem nunca ter ocupado cargos públicos, tenha tentado conceber uma Constituição (*politeía*).

[110] Devemos considerar que, apesar de descrever vários modelos de cidade e politeía, Aristóteles usa a cidade-Estado antiga como modelo para uma abordagem em sua obra "A Política". No entanto, a cidade de Cesareia Marítima não se enquadrava neste modelo de cidade. Cesareia não era uma cidade-Estado. Não havia independência política. A cidade era parte de uma região maior: a Judeia romana. Entretanto, "A Política" de Aristóteles nos permite cotejar indícios da utilização do plano hipodamiano no processo de urbanização de Cesareia Marítima.

ISSN 1982-8713

> Hipodamos De Mileto, filho de Eurifron, foi o primeiro que, sem ter tomado parte alguma na administração dos negócios públicos, empreendeu a tarefa de escrever sobre a melhor forma de governo. Foi ele quem inventou a arte de traçar diferentes quarteirões numa cidade para lhe marcar as divisões, e quem cortou o Pireu em diversas seções. Este homem muito vaidoso, e tão cioso da sua pessoa, a ponto de parecer viver unicamente para mostrar, com demasiada complacência, a sua cabeleira, que era bastante e disposta com muita arte. As suas vestes, simples na aparência, eram quentes (ele usava as mesmas, tanto no inverno como no verão). Tinha também a pretensão de ser um homem erudito nas ciências naturais[111].

Dois pontos dessa estrutura organizacional são interessantes para nossa reflexão neste artigo. Em primeiro lugar, a informação de que para Hipódamo uma cidade deveria ter dez mil homens, dividindo-se em três classes: uma de artesãos, outra de lavradores e a terceira de guerreiros e funcionários do exército. O que nos remete diretamente para uma problemática sobre a quantidade máxima de habitantes que Cesareia Marítima comportaria sem comprometer a organização da cidade. E, em segundo lugar, a divisão da terra. Aristóteles afirma que o *plano hipodamiano* previa a divisão dela em três partes: uma consagrada à religião para despesas do culto e dos sacrifícios, outra ao uso público – ou seja, à alimentação e ao soldo do exército e a terceira dada como propriedade aos particulares, aos lavradores.

> [Hipódamo][112] Formava a sua República de dez mil cidadãos, e a dividia em três classes: uma dos artesãos, outra dos lavradores, a terceira dos guerreiros, sendo que só estes possuíam armas. Repartia igualmente o território em três partes: as terras sagradas, as terras públicas e as terras particulares. As primeiras deviam ocorrer às despesas do culto; as segundas à alimentação dos guerreiros; as últimas pertenciam aos lavradores[113].

[111] ARISTÓTELES, A POLÍTICA, Livro II, Capítulo V, Verso I.

[112] Grifo meu.

[113] ARISTÓTELES, A POLÍTICA, Livro II, Capítulo V, Verso 2.

ISSN 1982-8713

Segundo Helmut Koester (2012, P. 78), o plano e as construções da cidade helenística[114] – *plano hipodamiano* - incluíam: a edificação de muralhas reforçadas, de acordo com as características geográficas de cada região; a disposição de pórticos, tribunais e prédios governamentais em torno da ágora; templos nas proximidades da ágora, teatro; anfiteatro; vários ginásios e termas. As ruas dividiam a cidade em quarteirões retangulares iguais que eram subdivididos em lotes do mesmo tamanho para cada cidadão. Somente os prédios públicos podiam ocupar vários lotes.

A análise descritiva e comparativa entre a descrição que Flávio Josefo fez de Cesareia Marítima e a concepção aristotélica sobre os elementos que compõem uma cidade evidencia ainda mais as similaridades entre o *plano urbanístico* de Herodes e o *plano hipodamiano*.

Tabela 1 – Análise descritiva e comparativa dos elementos que compõem a cidade: comparação entre as obras "Guerra dos Judeus", "Antiguidades Judaicas" de Flávio Josefo e "A Política" de Aristóteles.

Tema: O planejamento territorial ou a adoção de um plano urbanístico como um dos fundamentos para o sucesso da cidade		
Sujeito Locutor	**Conteúdo**	**Referência**
Flávio Josefo	**Quando fazia a visita às cidades marítimas, viu que a torre de Estratão estava em ruínas, tão antiga ela era; mas sua posição a tornava capaz de receber todo o embelezamento que sua magnificência lhe quisera dar; por isso, não somente a mandou restaurar com pedras muitos brancas, mas ali construiu um soberbo palácio, mostrando naquela obra mais que em qualquer outra, o quanto sua alma era grande e elevada.** Essa cidade está situada entre Dora e Jope, numa costa assaz desprovida de portos; os que querem ir da Fenícia ao Egito são obrigados a passar pelo alto mar, tanto temem o vento, chamado África, o qual, ainda que sopre levemente, levanta e impele vagas tão grandes contra os rochedos que as aumentam ainda mais,	GJ Livro I/XVI/85

[114] A relação de Aristóteles com a Judeia se dá de maneira indireta. O filósofo grego foi convidado por Filipe da Macedônia para ser o preceptor do seu filho Alexandre (13 anos), posteriormente conhecido como Alexandre Magno. Depois de três anos nessa função, Aristóteles retornou para Atenas para fundar sua escola (Liceu), próxima ao templo de Apolo Lício. Alexandre Magno, mesmo durante suas conquistas, preservava sua ligação com Aristóteles e enviava ao Liceu toda sorte de vegetais e animais coletados em suas viagens pelo Oriente. No entanto, os dois tinham posições diferentes quanto à possibilidade de ampliação da forma de governo grega para outros povos. Alexandre acreditava no processo de helenização. Mas, mesmo assim, pode-se dizer que a helenização da Judeia, que resultou no surgimento de várias cidades, inclusive a Idumeia que era a terra natal de Herodes, estava diretamente ligada às conquistas de Alexandre Magno e permanecia indiretamente relacionada à Aristóteles e suas concepções sobre a formação da cidade e a *politeía*.

ISSN 1982-8713

	revolvendo a agitação do mar, durante certo tempo. Mas este rei tão magnífico tornou-se, por seus cuidados, por suas liberalidades e por seu amor à glória, vencedor da mesma natureza; ele construiu, contra todos os obstáculos, um porto mais espaçoso do que o de Pireu, no qual os maiores navios podiam estar em segurança, contra todos os perigos das tempestades e cuja construção era tão perfeita, que se poderia pensar nenhuma dificuldade se encontrou na realização daquela obra.	
Aristóteles **"A Política"**	(1) O mesmo acontece em relação ao terreno. É evidente que o mais favorável, na aprovação de todos, é aquele que melhor satisfaça a todas as necessidades, e que, por conseguinte, seja o mais fértil em qualquer gênero de produção. Possuir tudo e nada precisar é a verdadeira independência. A extensão e a grandeza do terreno devem ser tais aqueles que o habitam possam nele viver libre e sobriamente, sem serem obrigados a privações [...]. (2) Quanto à disposição do terreno, não é difícil indicá-la. Segundo conselho daqueles que têm a experiência da guerra, o terreno deve ser de acesso difícil aos inimigos, e apresentar uma porta fácil para os seus habitantes. Além disso, assim como a massa da população, conforme dissemos, ele deve ser fácil de vigiar. A facilidade da vigilância do território faz a facilidade da defesa. Quanto à posição da cidade, se se quer que ela ofereça todas as vantagens que se podem desejar, convém que seja favorável do lado do mar e do lado da terra. Já demos conhecer qual deve ser a posição da cidade, dizendo que é precioso que ela tenha comunicações fáceis com todos os pontos do território, para a remessa de socorros. Em seguida, devem-se facilitar os meios de transporte das colheitas, sortimentos de madeira e todos os produtos do país.	(Livro/Capítulo/Verso): IV/V/1-2
Tema: A proximidade ao mar como ponto fulcral para o desenvolvimento da cidade		
Autor	**Conteúdo**	**Localização**
Flávio Josefo	**Depois que ele mandou tomar as medidas da extensão do porto, como o mar tinha naquele lugar vinte braças de profundidade, mandou enchê-lo com pedras de tamanho descomunal, das quais a maior parte tinha cinquenta pés de comprimento, dez de largura e nove de altura.** Havia mesmo ainda outras maiores, e assim ele o fez até a flor d'água. A metade dessa mole, que tinha duzentos pés de largura, servia para quebrar a violência das vagas; construiu-se sobre a outra metade um muro fortificado com torres, à maior e à mais bela das quais Herodes deu o nome de Druso, filho da imperatriz Lívia, mulher de Augusto.	GJ Livro I/XVI/85
Aristóteles **"A Política"**	(3) Muito se discute por saber se as comunicações por mar são uma vantagem ou um inconveniente para os Estados regidos por boas leis. Pretende-se que a estada dos estrangeiros, educados sob a influência de outras leis, não é destituída de perigo para a manutenção da boa ordem e da medida a observar relativamente à cifra de população; que a familiaridade com o mar, dando ensejos aos cidadãos de saírem de seu meio e receberem estrangeiros, trás uma porção de comerciantes, e que, afinal, tal influencia é contrária à boa administração do Estado. (4) Por outro lado, é incontestável que, exceto esses inconvenientes, as comunicações por mar oferecem as maiores vantagens à cidade e ao país, pela segurança e pela facilidade de obter as coisas necessárias. Para resistir mais facilmente à invasão é preciso estar habilitado a receber socorros e poder defender-se dos dois lados – por terra e por mar; e para prejudicar ao inimigo, se não se conta com os dois lados à sua disposição. Eles podem receber, por meio da	(Livro/Capítulo/Verso): IV/V/3-4

ISSN 1982-8713

	importação, os produtos indispensáveis que lhes faltam, e exportar os que têm em grande abundância. É para sua própria utilidade que a cidade deve fazer o comércio e não a dos outros Estados.	
Tema: A parte essencial de uma cidade: os meios de subsistência, as artes, as armas, as finanças, o culto e a magistratura		
Sujeito Locutor	**Conteúdo**	**Referência**
Flávio Josefo	Havia dentro do porto grandes armazéns vazios para receber qualquer mercadoria e diversos outros pórticos em arcadas, para alojar os marinheiros. Uma descida muito suave, e que podia servir de belo passeio, rodeava todo o porto, cuja entrada estava em frente dos ventos do inverno, que, naquele lugar, é o mais favorável de todos os ventos. Dos dois lados dessa entrada, estavam três colossos, apoiados em pilastras; os que estavam à esquerda, eram sustentados por uma torre muita forte e os da direita por duas colunas de pedra, tão grandes que sobrepujavam a altura da torre. Construiu-se também sobre uma colina que está em frente à entrada desse porto um Templo a Augusto, de tamanho e de beleza extraordinários. Lá se via uma estátua desse ilustre imperador do tamanho da de Júpiter Olímpico, sobre cujo modelo tinha sido feita, e uma outra de Roma, semelhante à de Juno de Argos. Herodes, construindo esta cidade, queria a utilidade da Província; edificando esse soberbo porto, a comodidade e a segurança do comércio; num e noutro, bem como nesse Templo tão magnífico, a glória de Augusto, em honra do qual ele deu o nome de Cesareia a essa nova e admirável cidade. E, para que absolutamente nada faltasse, do que a poderia tornar digna de nome tão célebre, ele acrescentou a tantas e tão grandes obras, um mercado, o mais belo do mundo, um teatro e um anfiteatro, que não era inferior a tudo o mais.	GJ Livro I/XVI/85
Aristóteles **"A Política"**	(4) [...] Primeiramente os meios de subsistência, em seguida as artes, porque muitos instrumentos e materiais são precisos para prover as necessidades da vida; em terceiro lugar as armas, porque aqueles que fazem parte da sociedade devem ter armas perto de si contra os cidadãos que desobedecem à autoridade e os inimigos de fora que tentem uma invasão injusta; as finanças que possam permitir-lhes prover às suas próprias necessidades e às exigências da guerra; em quinto lugar, ou melhor, em primeiro lugar, o serviço das coisas divinas, denominado culto; em sexto lugar – e esse é o mais essencial –o julgamento a tomar sobre os interesses gerais da república e sobre os direitos recíprocos entre os cidadãos. (5) Tais são, pois, as coisas sem as quais nenhuma cidade, por assim dizer, poderia passar; porque a cidade não é uma multidão de homens tomada por acaso, mas bastando-se a si mesma, como dissemos, para as necessidades da vida. Se um desses elementos vem a faltar, é absolutamente impossível que tal associação se baste em si mesma. É, pois necessário que uma cidade se componha de diversos elementos postos em atividade. Por conseguinte, é preciso lavradores para fornecer os víveres, artesãos, soldados, ricos, pobres e juízes encarregados de julgar o direito dos cidadãos e sobre o interesse geral do Estado.	(Livro/Capítulo/Verso): IV/VII/3-5
Tema: A salubridade e o abastecimento de água		
Autor	**Conteúdo**	**Localização**

ISSN 1982-8713

Flávio Josefo	Acessível apenas através da materialidade do discurso	
Aristóteles **"A Política"**	(1) [...] Para que a sua situação [da cidade] seja, em relação a si mesma, tão vantajosa quanto se possa desejar, é preciso levar em consideração quatro coisas: em primeiro lugar, a salubridade, como condição indispensável. As cidades situadas para o lado do oriente e expostas aos ventos do levante são mais saudáveis; em seguida, as que são situadas ao norte, porque o inverno aí é mais ameno. (2) Sob outros aspectos, a cidade deve ter uma situação favorável às ocupações dos cidadãos e dos guerreiros. Assim, é preciso que os guerreiros possam facilmente sair, e que, ao contrário, seja difícil ao inimigo nela penetrar e fazer-lhe o bloqueio. É preciso também que tenha água e recursos naturais em abundância. E se ficar privada dessa vantagem, pode-se obtê-la cavando grandes reservatórios para águas pluviais, a fim de que não falte água, se as comunicações com resto do país forem interrompidas pela guerra. (3) Pois que se deve garantir a saúde aos habitantes – e aquilo que para ela mais contribui é a situação da cidade em lugar determinado, e a uma exposição prevista – pois que é preciso, em segundo lugar, servir0se apenas de águas salubres, lutar-se-á por esses dois pontos sem o menor desfalecimento; por que o que mais frequente e comumente serve á necessidade do corpo é justamente o que mais contribui para a saúde. Tal é a influência natural da água e do ar. Também, nos Estados sabiamente administrados, observar-se-á se as águas naturais não são todas iguais, e se não são abundantes – separar-se-á as que servem para alimentação e as que se usam para outros fins.	(Livro/Capítulo/Verso): IV/X/1
Tema: O alinhamento das casas populares		
Autor	**Conteúdo**	**Localização**
Flávio Josefo	Viam-se nas cercanias do porto uma fileira de casas construídas de uma pedra muito branca e ruas igualmente distantes umas das outras, que iam da cidade ao porto.	GJ Livro I/XVI/85
Aristóteles **"A Política"**	(4) Os lugares fortificados não convêm todos igualmente às diversas espécies de governos. Uma cidadela, por exemplo, convém mais à oligarquia e à monarquia; um país plano, à democracia; nem um nem outro convém para a aristocracia; ela prefere várias posições fortificadas. A disposição das habitações particulares parece mais agradável e geralmente mais cômoda se elas forem bem alinhadas, e edificadas de acordo com o estilo moderno e o sistema de Hipodamos. Mas, em caso de guerra, a segurança pública estará melhor garantida pelo método contrário, tal como se fazia nos tempos antigos. Então os estrangeiros tinham dificuldade em sair da cidade e os agressores em descobri-los. (5) É por essa razão que há motivo para empregar os dois sistemas, e isso é possível fazendo-se como os vinhateiros, que plantam a vinha em forma especial. Alinhar-se-á a cidade, não em toda a sua extensão, mas apenas em algumas partes, e por quarteirões. Reunir-se-ão assim vantagens de segurança e de elegância [...].	(Livro/Capítulo/Verso): IV/X/4-5
Tema: A construção de muralhas, torres e fortificações sem comprometer a ornamentação da cidade		
Autor	**Conteúdo**	**Localização**
Flávio Josefo	Herodes mandou matá-los, com suas famílias, mas vendo que o povo se obstinava cada vez mais em defender os seus costumes e as suas	AJ Livro XV/XI/662

ISSN 1982-8713

	leis e que aquilo os levaria a uma revolta se ele não empregasse os meios mais violentos para reprimi-los, decidiu fazê-lo. Assim, além das duas fortalezas que havia em Jerusalém, uma no palácio real, onde ele morava, e outra de nome Antônia, que estava perto do Templo, ele mandou fortificar Samaria porque, estando longe de Jerusalém apenas um dia, podia impedir as rebeliões tanto na cidade quanto no campo**. Fortificou também de tal modo a torre de Estratão, a que chamou de Cesareia, que ela parecia dominar todo o país.**	
Aristóteles **"A Política"**	(5) [...] Aqueles que dizem que as cidades que têm pretensões ao valor militar não precisam de muralhas, sustentam um velho preconceito, e isso eles verificam quando os fatos expõem à luz do dia o erro das cidades que se impuseram esse falso ponto de honra. (6) Sem dúvida não é honroso, quando se tem a lidar com inimigos de igual força ou pouco superiores em número, só procurar salvação atrás de muralhas inexpugnáveis; mas como é possível, e como acontece que aqueles que atacam possuam uma superioridade à qual o valor humano e a coragem de um punhado de bravos são capazes de resistir, não se pode duvidar, quando se tratar de garantir a defesa, evitar a derrota e repelir a ofensa, de que as muralhas mais fortes sejam a melhor defesa, sobretudo agora que se aperfeiçoaram com tanta arte as flechas e as máquinas que servem para os cercos. (7) Ter a pretensão de não circundar a cidade de muralhas é criar um país fácil de ser invadido; e nivelar todas as eminências que se encontram é o mesmo que proibir que se cerquem por meio de muros as casas particulares, com receio de dar um motivo de covardia àquele que as habitam. Nem se deve esquecer que uma cidade cercada de muralhas pode ou não servir-se delas, ao passo que, se absolutamente não as possui, a escolha não é possível. (8) Se assim é, pois, deve-se não só construir muralhas à volta da cidade, mas ainda delas cuidar, a fim de sirvam ao ornamento e á suntuosidade do lugar, e que nelas se encontrem todos os meios que lhes proporcionem vantagem. E a primeira de todas as vantagens é que nem sequer se sonhe mesmo em atacar aqueles que estão prontos a resistir. Mas, convindo que a multidão dos cidadãos seja dividida em várias seções para os banquetes públicos, e que as muralhas sejam guarnecidas de fortaleza e torres, é evidente que a própria natureza das coisas convida a realizar alguns desses banquetes nos próprios fortes. Tal é, pois, a ordem que se devem estabelecer todos esses pontos.	(Livro/Capítulo/Verso): IV/X/5-8
Tema: Local específico para a prática religiosa, bem como, lugar reservado para os banquetes públicos dos magistrados e sacerdotes		
Autor	**Conteúdo**	**Localização**
Flávio Josefo	Herodes mandou construir o porto de Cesareia em forma de crescente, capaz de conter um grande número de navios. E, como o mar mede ali vinte braças de profundidade, mandou lançar pedras de tamanho enorme, a maior das quais tinha cinquenta pés de comprimento, dezoito de largura e nove de altura. E havia ainda maiores. Do lado direito, estavam duas colunas de pedra, tão grandes que superavam a altura da torre. Via-se ao redor do porto uma fileira de casas cujas pedras eram muito bem talhadas, e **construiu-se sobre uma colina que está meio o Templo consagrado a Augusto. Os que navegam podem vê-lo de bem longe, e há duas estátuas, uma de Roma e outra desse príncipe, em honra do qual Herodes deu o nome de Cesareia a essa cidade, não menos**	AJ Livro XV/XIII/669

ISSN 1982-8713

	admirável pela riqueza de suas construções que pela magnificência de seus ornamentos.	
Aristóteles **"A Política"**	(1) Convém que os edifícios consagrados ao culto dos deuses e os que são reservados para os banquetes públicos dos primeiros magistrados sejam reunidos num local adequado ao seu fim, a menos que a lei dos sacrifícios ou o oráculo de Pítia não prescrevam um local especial e determinado. Esse local deve ser bastante visível para que a majestade dos deuses possa nele manifestar-se, e bem fortificado para que ele nada tenha a temer e parte das cidades que se lhe avizinham.	(Livro/Capítulo/Verso): IV/XI/1
Tema: A comodidade, embelezamento e utilidade dos espaços de circulação pública		
Autor	**Conteúdo**	**Localização**
Flávio Josefo	Herodes, construindo esta cidade, queria a utilidade da Província; edificando esse soberbo porto, a comodidade e a segurança do comércio; num e noutro, bem como nesse Templo tão magnífico, a glória de Augusto, em honra do qual ele deu o nome de Cesareia a essa nova e admirável cidade. E, para que absolutamente nada faltasse, do que a poderia tornar digna de nome tão célebre, ele acrescentou a tantas e tão grandes obras, um mercado, o mais belo do mundo, um teatro e um anfiteatro, que não era inferior a tudo o mais. Nesse mesmo tempo, a cidade de Cesareia, cujos alicerces tinham sido lançados havia dez anos, foi terminada, no ano vinte e oito do reinado de Herodes e na centésima nonagésima segunda Olimpíada. **Ele quis celebrar a dedicação com toda a suntuosidade possível e imaginável. Mandou vir de todas as partes todos os que tinham fama de excelentes músicos, lutadores ou atletas de corridas e das outras espécies de exercícios. Reuniu um grande número de gladiadores, animais ferozes, cavalos rapidíssimos e tudo o que se usa nesses espetáculos tão apreciados pelos romanos e por outras nações.** Consagrou todos esses jogos em honra de Augusto e ordenou que fossem repetidos cada cinco anos.	GJ Livro I/XVI/85 AJ Livro XVI/IX/695
Aristóteles **"A Política"**	(2) É também conveniente que abaixo desse local [templo] se encontre a praça pública, construída como aquela que em Tessália se chama a Praça da Liberdade. Esta praça será desembaraçada de tudo aquilo que se vende e que se compra: os artesãos, os lavradores e aqueles que exercem profissões desse gênero não deverão dela se aproximar, a não ser que os chamem os magistrados. Ela não deixará de oferecer um espetáculo agradável, se as salas de exercícios dos homens de idade nela forem construídas. Convém, com efeito, que os próprios exercícios sejam separados segundo a idade, que certos magistrados vigiem sem cessar as salas dos jovens, e que os anciãos sejam admitidos na dos magistrados. A presença e as vistas dos magistrados inspiram a verdadeira modéstia e a reserva que convém aos homens livres. A praça destinada a servir de mercado para as mercadorias de toda a espécie deve ser separada da Praça da Liberdade, e de tal modo situada que seja fácil a ela transportar tudo que vem por mar e os produtos do país.	(Livro/Capítulo/Verso): IV/XI/2
Tema: Local específico para a prática religiosa, bem como, um lugar reservado para os banquetes públicos dos magistrados e sacerdotes		
Autor	**Conteúdo**	**Localização**

ISSN 1982-8713

Flávio Josefo	**Pilatos, governador da Judéia, enviou dos quartéis de inverno de Cesareia a Jerusalém tropas que traziam em seus estandartes a imagem do imperador, o que é tão contrário às nossas leis que nenhum outro governador antes dele o fizera.** As tropas entraram de noite, e por isso apenas no dia seguinte é que se percebeu. Imediatamente os judeus foram em grande número procurar Pilatos em Cesareia e durante vários dias rogaram-lhe que removesse aqueles estandartes. Ele negou o pedido, dizendo que não o poderia fazer sem ofender o imperador. Mas como eles continuavam a insistir, ordenou aos seus soldados, no sétimo dia, que secretamente se conservassem em armas e subiu em seguida ao tribunal que mandara erguer de propósito no local dos exercícios públicos, porque era o lugar mais apropriado para escondê-los. Os judeus, porém, insistiam no pedido. Ele então deu o sinal aos soldados, que os envolveram imediatamente por todos os lados, e ameaçou mandar matá-los se continuassem a insistir e não voltassem logo cada qual para a sua casa. A essas palavras, eles lançaram-se todos por terra e apresentaram-lhe a garganta descoberta, para mostrar que a observância de suas leis lhes era muito mais cara que a própria vida. Aquela constância e zelo tão ardentes pela religião causou tanto assombro a Pilatos que ele ordenou que se levassem os estandarte de Jerusalém para Cesareia.	AJ Livro XVIII/IV/770
Aristóteles **"A Política"**	(2) Dividindo-se a multidão dos cidadãos em duas classes – os sacerdotes e os magistrados é conveniente que os banquetes públicos dos sacerdotes se realizem na vizinhança dos edifícios sagrados. Mas, para os magistrados encarregados de se pronunciar sobre os contratos, ações criminais, citações de justiça, e outros negócios desse gênero, e para todos os magistrados que atendem ao policiamento dos mercados e da cidade, as salas de refeições devem ser estabelecidas perto da praça pública e do quarteirão mais frequentado. Tal será a vizinhança do mercado: queremos que a praça situada na cidade alta seja consagrada ao repouso, e que o mercado sirva a todas as transações entre particulares. (4) É preciso ainda observar no campo uma análoga àquela que acabamos de descrever. Os magistrados que se chamam Hiloros ou Agrônomos precisam de salas para as refeições públicas, fortes para defender e templos consagrados aos deuses e aos heróis. Aliás, é inútil insistir sobre os detalhes mais preciosos. Não é difícil conceber estas ideias, e sim pô-las em execução. Para curso da sorte. Assim, deixemos de lado, por ora, maiores detalhes sobre este assunto.	(Livro/Capítulo/Verso): IV/XI/3-4

Além de elementos característicos do *plano hipodamiano*, o *plano urbanístico* de Cesareia Marítima incluía outras construções que tinham como base a arquitetura romana, como por exemplo, o aqueduto que levava água potável do Monte Carmelo para abastecer a cidade[115]. Essa é a posição de Jodi Magness (2012) em sua obra *"The*

[115] A cidade de Cesareia Marítima possui inúmeros achados arqueológicos que atestam a utilização da arquitetura romana no processo de fundação e urbanização da cidade como, por exemplo: as ruínas de um teatro, hipódromo, anfiteatro, templos, esculturas, bustos, termas, dentre outros documentos/monumentos. Entretanto, por se tratar de um artigo que possui delimitações gráficas, a análise descritiva e comparativa dos elementos que compõem a cidade, comparando as obras "Guerra

ISSN 1982-8713

archaelogy of the holy land". A autora defende que Cesareia Marítima se tratava de uma cidade que mesclava traçados da antiga cidade helenística e elementos arquitetônicos tipicamente romanos.

Figura 2 – Aqueduto da cidade de Cesareia Marítima

Joseph Patrich (2011) em sua obra *"Studies in the archaeology and history of Caesarea Maritima: caput Judaeae, Metropolis Palaestinae"* também analisou o desenvolvimento histórico e urbanístico da cidade de Cesareia a partir do diálogo com a Cultura Material. Segundo ele, a fundação e prosperidade da cidade foram resultados diretos da decisão de Herodes de construir um grande porto artificial, a partir da tecnologia romana, e fundar uma nova cidade que se tornou a capital administrativa do seu reino em expansão, cuja prosperidade continuou enquanto ela serviu como capital provincial e funcionou como entreposto oriental para o comércio mediterrâneo. Patrich também evidenciou a existência de uma rede de cinco rotas que conectavam a cidade marítima as cidades mais distantes.

dos Judeus", "Antiguidades Judaicas" de Flávio Josefo e "Tratado de Arquitetura" de Vitrúvio será desenvolvida noutra oportunidade.

ISSN 1982-8713

Além de mesclar elementos arqitetônicos hipodamiano e vitruviano em seu plano urbanístico, Herodes Magno tinha como referência governamental os monarcas helenísticos. Geralmente esses monarcas incluíam em sua política a fundação de novas cidades. A Judeia, por exemplo, tinha várias cidades helenísticas, inclusive a Idumeia que era o local de origem do rei dos *judeanos*. Helmut Koester (2012, P. 75-80) afirma que, apesar da fundação dessas cidades ter um papel significativo no processo de helenização, os principais objetivos desses monarcas ao fundar uma cidade eram proteger as rotas comerciais mais importantes, as linhas de abastecimento militar e preservar os limites do seu reino. Talvez aqui tenhamos parte das motivações de Herodes Magno para adotar um *plano urbanístico* em Cesareia.

Muitas cidades helenísticas do tempo de Herodes foram fundadas como colônias militares *(klerouchiai*). Esse modelo organizacional oferecia muitas vantagens para os governantes, pois, desoneravam um pouco o erário tendo em vista que assentados os soldados podiam cultivar e usufruir das terras reais, gerando uma renda independente e estabelecendo um novo vínculo com a cidade que teriam de defender em caso de guerra. Essa política também oferecia oportunidades para imigrantes gregos, pois, o serviço militar lhes daria posteriormente uma casa e uma área rural de sua propriedade. O resultado era a ampliação das áreas cultiváveis e a equiparação funcional das colônias militares com a *poleis* (KOESTER, 2012, P. 75-80). Entretanto, existiam algumas diferenças entre a relação com terra[116] em uma nova *poleis* e nas colônias militares.

Hans G. Kippenberg (1988) analisa as relações socioculturais, políticas e econômicas estabelecidas entre a casa de Herodes e o Império Romano na Judeia, em sua obra "Religião e formação de classes na antiga Judeia". Kippenberg evidencia a

[116] Irving M. Levey (1975) em sua obra "Caesarea and the jews" analisa as relações socioculturais estabelecidas entre os judeus e os judeanos e apresenta uma descrição das comunidades judaicas domiciliadas na cidade durante o período herodiano. Levey comparou as informações que emergem das obras de Flávio Josefo com a documentação rabínica e afirmou que o desequilíbrio na distribuição das terras e a rivalidade entre judeus e sírios contribuíram significativamente para a eclosão da guerra dos judeus contra os romanos em 66 d. C.

ISSN 1982-8713

organização social e descreve os enfrentamentos políticos entre os seguidores de Herodes que, segundo ele, eram uma aristocracia etnicamente indiferente, mas economicamente bem situada, e os judeus. Assim, ele ressalta a existência de grupos sociais de resistência que discutiam a posse e usufruto da terra. Essa disputa foi relada pelo historiador judeu Flávio Josefo em sua obra "Antiguidades Judaicas".

> Aconteceu, nesse mesmo tempo, uma grande perturbação em Cesareia, entre os judeus e seus habitantes, com relação à precedência. Os judeus pretendiam-na, porque Herodes, um de seus reis, tinha construído a cidade: os sírios afirmavam que deviam ser preferidos, porque ela subsistia desde muito tempo sob o nome de Torre de Estratão, quando ali não havia um só judeu. Os governadores das províncias tomaram conhecimento dessa divergência e mandaram vergastar com várias os que nela haviam tomado parte, de ambos os lados. Mas os judeus, que confiavam nas suas riquezas, recomeçaram a desprezar e a maltratar com palavras, os sírios. Entre estes, havia vários de Cesareia e de Sebaste, que serviam nas tropas romanas, as quais lhes respondiam insolentemente. Das palavras, passaram às pedradas e vários foram mesmo mortos, muitos feridos, de parte a parte: os judeus levaram a melhor[117].

Flávio Josefo ainda mencionou os enfrentamentos entre gregos e judeus na cidade.

> A quatro de julho, Vespasiano voltou a Ptolemaida e, marchando ao longo da costa marítima, dirigiu-se a Cesareia, que é a maior das cidades da Judeia. Como a maior parte dos habitantes eram gregos, receberam-no muito bem, com seu exército, quer pelo afeto para com os romanos, quer pelo ódio para com os judeus. Era este tão grande, que lhe pediram, com grandes exclamações, que mandassem matar Josefo. Mas aquele sábio general, considerando tais clamores como efeito da paixão de uma multidão confusa, não lhes deu importância alguma. Colocou somente duas legiões em quartéis de inverno, naquela cidade, onde podiam ficar comodamente, porque o ar é temperado durante o inverno, e o calor é excessivo durante o verão, porque ela está situada numa planície à beira-mar; e para não sobrecarregá-la com o alojamento de tantos soldados, ele mandou a Citópolis a quinta e a décima segunda legiões.

[117] JOSEFO, ANTIGUIDADES JUDAICAS, Livro XX/VI/850-851.

ISSN 1982-8713

A presença dos organismos oficiais na cidade de Cesareia Marítima pode ser detectada através dos múltiplos âmbitos políticos e sociais, pois, a luta política era fluida e adotava modalidades mais variadas que as estabelecidas pelos organismos oficiais (BARROS, 1995, P. 201-202). Entretanto, estudar o *político* através de canais não oficiais, bem como, abordar os revisionismos sobre as relações políticas entre judeus e romanos no século I a. C., também significa esbarrar em algumas dificuldades metodológicas na análise de uma documentação textual que geralmente foi produzida pela *cultura dominante* e nem sempre nos proporciona a informação desejada sobre as *culturas subalternas*.

Os centros de poder em Cesareia Marítima eram plurais e as relações entre eles, inclusive as conflitivas, eram múltiplas, cotidianas, muito complexas, e dificilmente davam voz e ouvido as camadas populares ou as *culturas subalternas* (BARROS, 1995, P. 202-203). Além disso, a construção de áreas de convivência comum (como o anfiteatro, o hipódromo e alguns templos), a organização dos jogos romanos e sua inserção no calendário permanente da nova cidade, já seriam suficientes para que levantássemos uma problemática em torno do *paradigma cultural* que emerge da historiografia contemporânea no qual se afirma que o enfrentamento e a resistência sociocultural entre judeus, judeanos e romanos na cidade de Cesareia Marítima foram permanentes.

A abordagem da nova História Política nos impulsiona ao diálogo com áreas de conhecimento que nos permitam ampliar o nosso olhar sobre as comunidades culturais de Cesareia. A cidade de Cesareia Marítima se tratava de um espaço histórico (um lugar dominado por grupos humanos) e também de um espaço simbolizado que foi reorganizado a partir da execução do *plano urbanístico* de Herodes Magno. A urbanização da cidade tornou legível aos indivíduos que nela circulavam uma série de esquemas organizadores, referências ideológicas e intelectuais que ordenavam o social: “Essa simbolização do espaço […] era ao mesmo tempo uma matriz intelectual, uma constituição social, uma herança e a condição primordial de toda história,

ISSN 1982-8713

individual ou coletiva, de tal forma que identidade, relação e história permaneciam imbricadas" (AUGÉ, 1997, P. 14). Todas as relações constitutivas de identidade pessoal e coletiva têm uma expressão espacial. As regras de residência, divisão da cidade em lotes, delimitação entre *espaço sagrado* e *espaço profano*, *espaço público* e *espaço privado* são evidências de que Herodes Magno utilizou plano hipodamiano como base de seu *plano urbanístico*, sem prejuízo para incorporação de edificações vitruvianas, elementos socioculturais e monumentos romanos que também contribuíram para construção materializada e simbólica do espaço (AUGÉ, 2007, P. 51-52).

BIBLIOGRAFIA

Documentação textual

ARISTÓTELES. A política. São Paulo: Editora Escala, 2008.

JOSEPHUS, Flavius. Jewish Antiquies. Cambridge: Harvard University Press, 1954 (Loeb Classical Library, book 14).

_____. The Jewish War. Cambridge: Harvard University Press, 1997 (Loeb Classical Library, book 1).

VITRUVIUS POLLIO. Tratado de arquitetura/ Vitrúvio; tradução, introdução e notas M. Justino Maciel. São paulo: Martins, 2007.

Bibliografia geral

ALFÖDY, Gëza. A história social de Roma. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

ANDERSON, James D. The impact of Rome on the periphery: the case of Palestina – roman period (63 BCE - 324 CE) in: LEVY, Thomas Evan. The Archaeology of Society in the Holy Land: new approaches in anthropological archaeology. London: Continuum, 2003.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus. 2007.

ISSN 1982-8713

_____ O sentido dos outros: atualidade da antropologia. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____ Por uma antropologia dos mundos contemporâneos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COHEN, Shaye J. D. Josephus in Galilee and Rome: his vita and development as a historian. Boston: Brill Academic Publishers, 2002.

COLLINS, John J. Between Athens and Jerusalem: jewish identity in the hellenistic diaspora. Cambridge: Wni. B. Eerdmans Publishing Co., 2000.

_____ e GREGORY, E. Sterling (ed.). Hellenism in the Land of Israel. Indiana: University of Notre Dame Press, 2000.

COULANGES, Fustel de. A cidade antiga. São Paulo: Martim Claret, 2009.

DEGAN, Alex. A identidade incômoda: um estudo das identidades étnicas no Bellum Judaicum de Flávio Josefo. São Paulo/Limeira: USP, 2006.

DIRVEN, Lucinda. The imperial cult in the cities of the Decapolis, Caesarea Maritima and Palmyra: a note on the develop´ment of imperial cults in the Roman Near East. ARAM, n. 23, p. 141-156, 2011.

EINSENSTADT, Shauel Noah. The Political Systems of Empires. Nova Jersey: Transaction Publishers, 1969.

EDWARDS, Douglas R.; MCCOLLOUGH, C. Thomas. Archaeology and the Galilee: Texts and Contexts in the Graeco-Roman and Byzantine Periods. Atlanta, Ga:, 1997.

FREY, Jörg; SCHWARTZ, Daniel R.; GRIPENTROG, Stephanie. Jewish identity in the greco-roman world. Boston: Brill, 2007.

FRITSCH, Charles T. The joint expedition to Caesarea Maritima. Bulletin of the Americam Schools of Oriental Research: Supplemental studies, v. 1, n. 19, 1975.

FUNARI, Pedro Paulo A. SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (org.). Política e identidades no mundo antigo. São Paulo: Annablume: Fapesp 2009.

_____; FOGOLARI, Everson Paulo. Estudos de arqueologia histórica. Rio Grande do Sul: Erechim, 2005.

ISSN 1982-8713

GOODMAN, Martin. Jews in a graeco-roman world. Oxford: Oxford University Press, 2004.

_____ Rome and Jerusalem: the clash of ancient civilizations. New York: Vintage Books, 2008.

GRIMAL, Pierre. A civilização romana. Lisboa: Edições 70, 1988.

HADAS-LEBEL, Meirelle. Weapons of the Weak. Everyday Forms of Peasant Resistence. Haven/ London: Yale University Press, 1990.
_____ Flávio Josefo: o judeu de Roma. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

HADRILL, Andrew Wallace (ed.). Patronage in Ancient Society. London: Routledge, 1988.

HENGEL, Martin. Judaism and Hellenism: studies in their encounter in Palestine during the early Hellenistc period. London: SCM Press, 1981.

HOLUM, K. G.; RABAN, A.; PATRICH, J. Caesarea papers 2: Herod's temple, the provincial governor's praetorium, and granaries, the later harbor, a gold coin hoard, and other studies. Portsmouth, Rhode Island: Journal of Roman Archaeology, 1999.

HORSLEY, Richard. Arqueologia, história e sociedade na Galileia: o contexto social de Jesus e dos rabis. São Paulo: Paulus, 2000.

_____; HANSON, John S. Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus. São Paulo: Paulus, 1995.

KESSLER, Reiner. História social do antigo Israel. São Paulo: Edições Paulinas, 2009.
KIPPENBERG, Hans. Religião e formação de classes na antiga Judéia. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.

KOVELMAN, Arkady. Between Alexandria e Jerusalem: the dynamic of jewish and hellenistic culture. London: Brill, 2005.

LAQUEUR, Richard. The jewish historian Flavius Josephus: a biographical investigation based on new critical sources. Toronto: York University, 2005.
LEVY, Thomas Evan. The Archaeology of Society in the Holy Land: New approaches in anthropological archaeology. London: Continuum, 2003.

ISSN 1982-8713

MASON, Steve. Josephus and New Testament. Massachussets: Hendrickson Publishers, 1993.

MAGNESS, Jodi. The Archaeology of the Holy Land: from the destruction of Solomon's Temple to the muslim conquest. New York: Cambridge University Press, 2012.

MEYERS, Eric M. Galilee Through the Centuries: Confluence of Cultures. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1999.

MORDECHAI, Aviam. Jews, Pagans and Christians in the Galilee: 25 Years of Archaeological Excavations and Surveys: Hellenistic to Byzantine Periods. Rochester: N.Y., 2004.

ORLANDI, Eni. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Fontes, 2003.

OTZEN, Benedikt. O judaísmo na antiguidade. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.

PATRICH, Joseph. Studies in the archeology and history of Caesarea Maritima: caput judaeae, metropolis palaestinae. Boston: Brill, 2011.

_____ Archaelogical excavations at Caesarea Maritima areas CC, KK and NN: final reports, volume 1 – the objects. Oxford: Israel Exploration Society, 2008.
RABAN, Avner; HOLUM, Kenneth G. Caesarea Maritima: a retrospective after two millennia. Boston: Brill, 1996.

RAJAK, Tessa. The Jewish dialogue with Greece and Rome: studies in cultural and The evidence of social interaction. Koln: Brill, 2000.

RÉMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ROCHA, Ivan Esperança. A vida cotidiana na Palestina do século I na visão de Flávio Josefo. São Paulo: Annalube, 2014.

RODGERS, Zuleika. Making history: Josephus and historical method. Boston: Brill, 2007.

ROLLER, Duanne W. The Building Program of Herod the Great. London: University of California Press, 1998.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história do político. São Paulo: Alameda, 2010.

ISSN 1982-8713

ROSENDAHL, Zeny. Espaço e Religião: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

_____ Hierópolis: o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

_____; CORRÊA, Roberto Lobato. Economia, cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

_____; CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e cultura: pluralidade temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

_____; CORRÊA, Roberto Lobato. Introdução à geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

ROULAND, Norbert. Roma democracia impossível? Os agentes de poder na urbe romana. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

SAID, Edward W. Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAND, SHLOMO. The invention of the jewish people. New York: Maple Vail, 2009.

STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. História social do protocristianismo. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

VERMES, Geza. The true Herod. New York: Bloomsbury T&T Clark, 2014